

As vendas caem, os custos sobem

por José Casado
de São Paulo

A indústria eletro-eletrônica brasileira está iniciando o segundo semestre com um nível de rentabilidade considerado "insatisfatório" pelos empresários, conforme apurou a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) em pesquisa direta com 243 grandes empresas, com o objetivo de consolidar o seu balanço sobre os negócios do setor no primeiro semestre.

Essa pesquisa, no entanto, mostrou que as empresas, embora tenham fechado o semestre com significativas quedas de vendas e de encomendas e, também, com baixo níveis de rentabilidade, estão dispostas a manter o atual nível de pessoal empregado, pelo menos até meados de setembro. E isso porque apostam na possibilidade de o processo de retração das vendas internas sofrer um revés nesse período.

Só não estão trabalhando com perspectivas de rápida

recuperação das vendas os fabricantes de antenas, componentes eletrônicos, condutores de ar e de material elétrico de instalação: estes encerraram o semestre com estoques superiores a 30 dias de produção e, na maioria dos casos, só vêem possibilidade de recuperação das vendas no último trimestre.

De qualquer forma, é praticamente certo que o setor encerrará o atual exercício mergulhado em dificuldades, porque, ao lado do setor automobilístico, compõe a faixa de produção industrial mais afetada pelas medidas econômicas de cunho restritivo adotadas pelo governo, a partir de novembro do ano passado.

Mas os empresários da indústria eletroeletrônica, como mostra a recente pesquisa da Abinee, estão mais preocupados com o impacto negativo dos custos financeiros sobre os seus níveis de ganhos do que propriamente com as quedas no nível de vendas.

Nesse levantamento da Abinee ficou demonstrado que o setor está operando com uma faixa de custos financeiros que tem, no limite mínimo, uma taxa de juro real de 5,7% ao mês e uma exigência de garantia real de 125% sobre o total do empréstimo.

No limite máximo dessa faixa, o juro real é de 16% ao mês, com exigência de garantia real de 160%. "Estamos diante de um quadro problemático para as empresas e enfrentando uma situação seríssima", comenta Firmino Rocha de Freitas, presidente da Abinee.

A maioria das empresas consultadas informou à Abinee estar pagando uma taxa de juro real de 7,5% ao mês, com garantia de 130% sobre o total dos empréstimos.

A conjuntura adversa aos fabricantes de bens duráveis do setor eletroeletrônico, no entanto, não deverá ao atual exercício, comprometer a participação do setor no Produto Interno Líquido. Ela deve ficar muito próxima do nível alcançado no ano passado, que foi de 3,2%, que representou o "pico" de um processo de crescimento dessa participação, iniciado em meados da década de 60.

O programa de exportações de produtos eletro-eletrônicos, no começo do ano dimensionado em 1,1 bilhão de dólares (no ano passado foi de 800 milhões de dólares), certamente não será cumprido na sua totalidade. "Há dificuldades crescentes em alguns mercados importantes", comenta Freitas.

Um desses mercados, o argentino, está "praticamente perdido": a reação das autoridades econômicas argentinas, no decorrer do semestre, às limitações impostas pelo Brasil às importações foi bastante forte para o setor eletro-eletrônico, e grande parte do espaço antes ocupado por fabricantes brasileiros foi preenchido por fornecedores japoneses. Isso ocorreu, principalmente, na comercialização de televisores.